

INTERVENÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR COM ALUNOS DIAGNOSTICADOS COM TDAH: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Maêlly Cristinne Ventura Barbosa ¹

Maria Laura Leite Moura ²

Julianna Ribeiro Ernesto do Rêgo ³

Mabel Dias Araújo ⁴

Maria Verônica Maciel de Lima ⁵

RESUMO

O presente artigo relata informações acerca da atuação do Psicólogo Escolar à frente do diagnóstico de alunos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Foi feita uma revisão de literatura de produções publicadas nos últimos 10 anos nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), porém o volume de resultados não apresentou grande pluralidade. Concluiu-se que há uma grande fluidez e diversidade de pontos de vista acerca tanto do diagnóstico do TDAH quanto da identidade do Psicólogo Escolar, englobando desde o fenômeno da medicamentação até o fator diagnóstico, muitas vezes equivocados e/ou precoces, que isentam os participantes da responsabilidade de reflexão sobre maiores problemas sociais.

Palavras-chave: Psicólogo escolar, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, Intervenção, Diagnóstico.

INTRODUÇÃO

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), tal como se apresenta na atualidade, surgiu em 1994 com a publicação do Manual de Diagnósticos e Estatístico de Transtornos Mentais versão 4. Antes deste marco, já se tinha patologias que apresentavam os mesmos sintomas, mas não chegaram a ser objetificadas como TDAH. (PEREIRA, 2009)

¹ Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário Unifacisa, maelly.barbosa@maisunifacisa.com.br

² Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário Unifacisa, maria.laura@maisunifacisa.com.br

³ Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário Unifacisa, julianna.rego@maisunifacisa.com.br

⁴ Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário Unifacisa, mabel.araujo@maisunifacisa.com.br

⁵ Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário Unifacisa, maria.maciel@maisunifacisa.com.br

Por conseguinte, após o transtorno ganhar destaque e visibilidade, muitas pessoas acabaram sendo diagnosticadas, o que impulsionou também a indústria farmacológica a produzir insumos que auxiliassem no tratamento da doença.

Além disso, Pereira (2009) afirma que a validade do TDAH só pode ser dada se compreendermos qual o solo de sua emergência. Desse modo, seria de suma importância entender quais os fatores sociais e históricos que estariam relacionados com a origem do transtorno. Em contrapartida, muitos profissionais da psiquiatria aderem a uma posição mais biologicista do TDAH, negando a característica contextual da doença, aproximando-o de uma visão científica e objetiva, tal como apresenta o DSM.

Azevêdo (2020), aponta que o âmbito escolar foi bastante importante para que o TDAH fosse validado, pois devido ao ambiente normativo da escola, onde desvios são mais gritantes, indícios da doença são mais facilmente percebidos. Dessa forma, esse diagnóstico passou a fazer parte da escola como um dos ambientes em que se pode identificar precocemente os sintomas. Por esse motivo, o discurso acerca do TDAH se consolida na escola, em que diversos agentes escolares trabalham em conjunto para a intervenção frente às dificuldades que este impõe aos alunos.

Sendo assim, como ratifica Castañon (2009), a partir do reconhecimento da Psicologia enquanto ciência, várias correntes se propuseram a explicar e definir seu objeto de estudo, como a atenção, afetada no TDAH. Dessa forma, o transtorno também passou a ser estudado pela Psicologia, e por esse motivo ela deu importantes contribuições para a produção de conhecimento do TDAH. Desse modo, a junção de psiquiatras e psicólogos, realizando um trabalho interdisciplinar, juntamente com os pais e colaboradores da escola é de suma importância para o diagnóstico, pois leva em consideração diversos fatores e contextos em que a criança está inserida.

Pereira (2009) afirma que diante dessa realidade, o professor é o principal agente para realizar a identificação do comportamento patológico da criança e encaminhamento para o psiquiatra. Ainda assim, identifica-se que em meados de 2009, mesmo que o psicólogo já estivesse inserido no âmbito escolar, não se era dado a importância de suas potencialidades frente ao diagnóstico e gestão do TDAH na escola, fazendo com que, desse contexto surgisse poucas ou nenhuma intervenção que visassem auxiliar o aluno na escola.

Para além disso, como indicam Missawa e Rossetti (2014), o diagnóstico do TDAH necessita de cautela e olhar amplo, pois as principais características do transtorno como a

inquietação, desatenção e impulsividade podem ser reflexo de um mau ajustamento da criança no ambiente. Assim, destaca-se a importância do psicólogo inserido no âmbito escolar, pois será este que identificará e servirá de ponte para a relação que a criança estabelece no lar e na escola, evidenciando se seu comportamento diz respeito a características individuais, desadaptativas do ponto de vista social, ou se trata da hipótese de TDAH.

Ademais, por mais que se afirme a importância do psicólogo nesses espaços a fim de gerar alternativas frente ao diagnóstico de TDAH, a psicologia escolar sofre por não ter uma prática profissional bem demarcada. Por esse motivo, pode-se afirmar que existe pouca produção científica e contribuições dos psicólogos no âmbito escolar, tanto pela construção da prática do psicólogo escolar, que é constante, como também pelas contradições que estão envolta no laudo do TDAH.

Portanto, no presente artigo buscamos evidenciar de que modo o TDAH se expressa, sobretudo no âmbito escolar, e qual a posição do psicólogo escolar frente a essa realidade. Desta maneira, podemos inferir que pelo fato do TDAH ser um diagnóstico relativamente recente e pouco discutido, muitos indivíduos não têm conhecimento sobre este ou não dão a importância necessária, podendo ser despercebido pelo mau comportamento da criança. Isso dificulta bastante o arsenal de pesquisa neste campo, mas também sofre influência da dificuldade que o psicólogo escolar apresenta frente a sua identidade profissional, em que existe uma distância considerável entre o que ele faz e o que se espera dele. Ademais, procuramos evidenciar os principais impasses desse campo teórico e demonstrar de que forma se relaciona o TDAH, com os alunos, a escola, o psicólogo escolar e os demais agentes envolta dessa realidade.

METODOLOGIA

Esta pesquisa se trata de uma revisão de literatura que buscou evidenciar a prática ou a gestão do psicólogo escolar frente ao TDAH. A coleta foi realizada entre 17 de dezembro e 10 de janeiro de 2020. Foi utilizado como base de dados para a procura dos artigos a Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Como critérios de inclusão foram utilizados documentos dos últimos 10 anos, e que citassem as palavras chave propostas no artigo: psicólogo escolar, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, intervenção e diagnóstico. Evidenciou-se também uma grande escassez de artigos que relacionassem a prática do psicólogo escolar com o TDAH na escola. Foram

selecionados 6 artigos, 2 teses e 1 livro em que foi realizada a leitura e o fichamento. Todos esses documentos referem-se a publicações brasileiras e o período selecionado de publicação, se deu em volta dos últimos 10 anos. Dessa forma, torna-se evidente a grande escassez de materiais sobre a temática e a dificuldade de concatenar o conteúdo encontrado com a proposta inicial. Após escolha e fichamento, foram realizadas reuniões com o intuito de discutir os resultados em grupo e a estruturação da revisão de literatura. Como resultados, evidenciou-se que existe uma discussão muito grande acerca da validade do diagnóstico de TDAH, sobretudo no âmbito escolar, e desse modo se apresenta as grandes dificuldades e impasses que o psicólogo escolar tem para realizar atividades paralelas nesse ambiente.

Os resultados encontrados podem ser classificados em quatro sessões: reflexões críticas acerca do histórico do TDAH, as percepções acerca dos alunos diagnosticado com o transtorno, as ações que podem ser desenvolvidas com os mesmos, assim como o papel do psicólogo escolar no ambiente educacional. Cada um destes será explorado mais profundamente nesta sessão.

Contexto histórico e discussão sobre a validade do diagnóstico de TDAH

A revolução francesa foi um importante marco na história da civilização, marcada pelo fim do absolutismo, ocorrido na segunda metade do século XVIII. Seus princípios de liberdade, igualdade e fraternidade foram responsáveis por grandes transformações sociais e políticas na época, permeadas até os dias atuais. Sendo assim, o âmbito escolar, por compartilhar destes ideários, inferia-se que o aluno possuía toda a delegação sobre o seu desempenho, visto que a sociedade é igualitária, logo, todos os alunos também são iguais em competências. Por conseguinte, o liberalismo ao defender a liberdade individual do sujeito, contribuiu para que o argumento da responsabilização voltada apenas para o aluno, se sustentasse ainda mais, favorecendo o uso da medicalização para os problemas envolvendo a aprendizagem nos contextos escolares.

No século XX a educação recebia influências do movimento higienista, caracterizado pelo enfoque no “aluno problema”. Assim, os alunos eram rotulados, com fins classificatórios e de adequação social, com a medicina e a psicologia se fazendo fortemente presentes nesse debate, partindo de uma perspectiva homogeneizante, no qual não havia o reconhecimento das diferenças entre os alunos, tendo em vista a subjetividade de cada um, bem como às suas dificuldades específicas relacionadas ao conteúdo escolar. Posteriormente, no século XXI, após o reconhecimento acerca dos impasses que envolviam lidar com todas as dificuldades

dos alunos referentes à atenção e a aprendizagem, foram convocados diversos especialistas, como fonoaudiólogos, psicopedagogos, psicólogos e psiquiatras para uma abordagem multidisciplinar sobre o assunto (BONADIO; MORI, 2013, p. 181).

Contudo, devido ao modelo biomédico instalado no meio social, pelo qual o médico é tido como protagonista do modo de fazer saúde e diante de uma sociedade capitalista e imediatista, que visa resultados práticos e imediatos, os demais profissionais acabam por serem coadjuvantes, oportunizando a medicamentação e o diagnóstico precoce (AZEVEDO, 2020).

O discurso hegemônico da psiquiatria como referência ao sofrimento humano e às disfunções comportamentais e cognitivas das crianças aproximou ainda mais a educação dos discursos propalados pelos especialistas, afastando-a das dimensões políticas, econômicas e sociais. (BONADIO; MORI, 2013, p. 182)

Nesse sentido, segundo Bonadio e Mori (2013), o diagnóstico de TDAH é realizado em sua maioria apenas por neurologistas, psiquiatras e neuropediatras, contando com o auxílio do relato dos pais e da escola a respeito do comportamento da criança. Para a avaliação, os profissionais solicitam o exame de encefalograma para a verificação da atividade cerebral, porém, a literatura aponta que há indícios sobre o seu desuso, além de não haver exame que evidencie o TDAH de fato.

Muitas vezes o exame é o único procedimento solicitado aos pais, além do relatório escolar, para o diagnóstico de TDAH. Como não existe nenhum exame que identifique o TDAH, parece-nos que um eletroencefalograma normal está sendo utilizado como indicativo do quadro; não apresentar alterações na atividade elétrica cerebral justifica a existência de uma possível disfunção. (BONADIO; MORI, 2013, p. 183)

Sendo assim, o laudo postulando a presença ou não do transtorno, exprime uma grande importância para os pais e os demais profissionais componentes da escola, pois estes sentem-se seguros com relação ao diagnóstico, por se tratar de uma ordem superior inquestionável: a ordem médica. Além de se isentar do processo educativo, justificando o fracasso escolar através da patologização.

O argumento de que o eletroencefalograma, entre outros exames científicos baseados na análise de imagens, são auto evidentes, faz parte de um reducionismo neurogenético que tem como uma de suas características a localização ilegítima. Através dela, pode-se apresentar

como causa dos mais diversos comportamentos indesejados a disfunção física e biológica de certas partes da autonomia do indivíduo, isentando a sociedade de maiores reflexões acerca da maneira como seus mecanismos podem afetar a maneira de agir e a subjetividade dos indivíduos que a habitam.

Desde seu surgimento como diagnóstico até os dias de hoje, o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade juntamente com a discussão sobre sua veracidade encontram-se no centro de um debate acerca da medicalização do ambiente escolar, marcada pela delimitação e controle das maneiras corretas e incorretas de se existir. Os argumentos biologizantes e neurológicos a favor de sua existência são marcas da prevalência do modelo biomédico, que favorece a lógica destes campos como preferíveis na busca pela verdade.

Sendo assim, faz-se necessário tal discussão pois o diagnóstico deste transtorno vem acompanhado de percepções sociais que acabam a afetar a maneira em que os alunos são percebidos pelos outros indivíduos em sua vida, como familiares e membros da comunidade escolar, bem como sua própria autopercepção. Esta articulação entre percepções subjetivas será discutida neste próximo tópico.

Percepções acerca do aluno diagnosticado com TDAH

Saindo do debate acerca da veracidade do diagnóstico para uma análise da percepção daquele que o recebe, em ambas de suas pesquisas, Cruz (2016) e Silva (2015) buscaram descrever as maneiras em que o diagnóstico de TDAH pode afetar a maneira em que os alunos são vistos nos olhos dos adultos que os rodeiam. Cruz (2016), a partir de entrevistas com professores e familiares vinculados à criança diagnosticada, encontrou discursos que afirmavam que viam o diagnóstico de forma positiva por ambos os grupos entrevistados - por exemplo, para os familiares, ele é uma ação preventiva, uma garantia de um bom futuro. Já os psicofármacos não se encontram na mesma posição de aprovação unânime, com apenas um dos responsáveis afirmando que percebeu efeitos após o início do uso. Quanto às ações tomadas pelos docentes frente ao diagnóstico, afirma:

“Percebe-se que, como as professoras relacionam a causa do problema a questões de ordem individual, familiar, biológica, orgânica ou cerebral a forma como determinam os critérios para identificar o aluno que apresenta dificuldades ou problemas de comportamento sempre está direcionada aos gestos, atitudes, modos de ser, falar e se comportar da criança, e nada tem a ver com as relações institucionais ou com o sistema educacional.” (CRUZ, 2016, p. 710)

Silva (2015), por sua vez, conduziu entrevistas apenas com docentes. Percebeu-se que os alunos portadores de TDAH ou que apresentam características semelhantes àquelas de um portador de TDAH são vistos de forma psicologizante ou biologizante, com seus comportamentos sendo explicados por categorias de anormalidade e normalidade. Observou-se também que os discursos apropriaram-se de terminologia científica para atribuir legitimidade à seus argumentos, com as definições e percepções do que constitui um “transtorno” sendo construídas através de parâmetros de normalidade/anormalidade, em que o patológico é aquilo que não é normal. Apesar disso, os discursos não apresentavam caráter de uniformidade; isto pode ser atribuído às diversas polêmicas e conflitos presentes na discussão sobre o TDAH, que acabam a se infiltrar nas opiniões do dia-a-dia.

Através da análise de ambas pesquisas, pode-se inferir que a existência das crianças diagnosticadas com TDAH é cercada de visões que a reduzem ao diagnóstico. Porém o diagnóstico não é visto de forma negativa, mas sim como algo necessário e, ultimamente, não questionado acerca de sua validade ou de suas consequências.

Nesse sentido, torna-se primordial a importância do psicólogo desde o momento da hipótese diagnóstica, até o diagnóstico fechado. Assim, principalmente no contexto escolar, o psicólogo dá suas contribuições sobretudo com a utilização de instrumentos de rastreio, para construir possíveis hipóteses, e é acompanhado por uma equipe multidisciplinar, desenvolvendo estratégias e alternativas para a adaptação do aluno com TDAH na escola.

O papel do psicólogo na escola

Aquilo que o psicólogo pode fazer no ambiente escolar ainda está em processo de formação, mas mostra certo receio por parte de outros integrantes do sistema escolar, como coordenadores, pedagogos, professores e especialistas na área, sendo algumas vezes até negada sua importância devido a sua possível incapacidade de solucionar problemas cotidianos dessas escolas, em decorrência disso a atuação do psicólogo escolar é muito associada ao diagnóstico e atendimento de problemas emocionais e de comportamento das crianças, assim como também na orientação de pais e professores para lidar com esses tipos de problemas, isso se dá devido o modelo clínico ser o mais forte na atuação dos psicólogos no Brasil.

Em relação às funções desempenhadas nas escolas por profissionais como diretores, coordenadores e pedagogos são ações mais conhecidas, porém quando se trata do papel do psicólogo escolar surgem diversas questões como: Para que servem? O que podem solucionar? Qual seu trabalho em relação aos demais profissionais da escola?

No Brasil a produção de pesquisas em psicologia educacional e escolar mostra o interesse recente pelo entendimento da atuação desses profissionais, as publicações geradas a partir da atividade do Grupo de Trabalho (GT) Psicologia Escolar/Educacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (Anpepp) são destacadas como parte dessa produção (Weschler, 1996; Novaes Brito, 1996; Guzzo, 1999; Del Prette, 2001; Almeida, 2003; Martínez, 2005; Campos, 2007).

Embora o pensamento de uma psicologia clínica impere, o campo de atuação do psicólogo educacional é muito mais amplo e não se resume apenas ao ambiente escolar, pois se sabe que os processos de aprendizagem são influenciados em decorrência de vários fatores, sendo assim a sociedade se integra a escola como desenvolvedor de participação e atuação social dos alunos.

Um campo de atuação do psicólogo (e eventualmente de produção científica) caracterizado pela utilização da Psicologia no contexto escolar, com o objetivo de contribuir para otimizar o processo educativo, entendido este como complexo processo de transmissão cultural [C1] e de espaço de desenvolvimento da subjetividade. (MARTINEZ, 2003, p. 107)

Pode-se observar que a psicologia escolar não diz respeito a um único campo de saber, mas ela abarca conhecimentos como psicologia da aprendizagem e do desenvolvimento, sendo uma área que se utiliza de vários saberes, o que mostra sua complexidade, esses saberes são fundamentais para colaborar com os processos de

ensino-aprendizagem, desempenhando funções como: avaliação, diagnóstico e orientação assim se mostra diversa a atuação desses profissionais.

Outro campo de atuação que se mostra necessário à presença de um psicólogo escolar é em relação a uma educação inclusiva para a construção de uma sociedade que respeita as diversidades e para isso as mudanças devem ser feitas em todos os âmbitos da escola. O fracasso escolar é entendido como um mau desempenho por parte dos alunos e esse é um fenômeno mais recorrente nas escolas públicas, pois seriam causados por fatores socioeconômicos e até culturais, nessa perspectiva a escola pública não atende as necessidades das crianças mais a margem da sociedade, o papel do psicólogo nesse caso se torna importante para adequar os métodos de ensino e possibilitar uma aprendizagem para esses alunos tanto para aqueles com alguma deficiência e problemas de aprendizagem.

Alguns problemas que causam dificuldades em relação a aprendizagem como é o caso do TDAH exigem uma atenção global e podem ser orientados pelos psicólogos escolares para que o auxílio interdisciplinar seja realizado, embora a lei de diretrizes e bases da educação nacional ampare de forma legal esses indivíduos, como está presente na LDB nº 9394/96 que visa garantir o desenvolvimento pleno do aluno com tal transtorno, o suporte dado ainda não é o suficiente, os psicólogos escolares na medida necessária auxiliam esses alunos e pais de alunos diagnosticados como também a organização da própria escola para que seja facilitado o processo de aprendizagem com metodologias especiais, ambientes e professores incentivadores e aconselhamentos para que seja evitado um maior fracasso escolar.

Se faz então necessário o aprimoramento curricular do professor e demais profissionais da escola, além do desenvolvimento de ações especiais em sentidos sociais e cognitivos para o progresso dessas crianças fazendo com que consigam as capacidades necessárias.

Ações desenvolvidas com crianças com TDAH

De acordo com Neves e Leite (2013), o TDAH é construído a partir de interações sociais, sendo um fenômeno interpsicológico; os autores trazem um debate crítico sobre as classificações do TDAH e ao modelo organicista e individualista, ao qual ele é associado,

focando no portador do transtorno como o único responsável por tal, desclassificando, assim, os diversos atravessamentos sociais aos quais ele é submetido, “[...] a sociedade julga a diferença como um elemento localizado no indivíduo, distanciando-se de uma compreensão social multifacetada do fenômeno, que requer, nessa perspectiva, ajustes contextuais.” (NEVES & LEITE, 2013)

Os autores ampliam, em uma perspectiva histórico-cultural (Luria, 1979; Vigotski, 1996), o foco causal do TDAH, elencando o social como um importante fator para a formação do transtorno e colocando em pauta uma crítica sobre o conhecimento cristalizado e o modelo biomédico, que ao serem emparelhados, são grandes precursores do fracasso escolar para crianças portadoras de TDAH.

Neves e Leite (2013) realizaram ações em conjunto com uma universidade pública do interior paulista, com foco na Educação Inclusiva. Lucas foi o protagonista deste projeto, um menino de dez anos, com um histórico familiar conturbado e que apresentava diversos problemas de comportamento.

No início do projeto, ao entrevistar a psicóloga da instituição, os avós e a professora do garoto, foram apresentadas, respectivamente, queixas como: quadro familiar e recusa a medicamentos, que Lucas havia nascido daquele jeito e não iria mudar e o diagnóstico de TDAH. Percebe-se uma constância, nas duas últimas respostas que colocam uma perspectiva individualista – culpabilizando a criança por suas ações – e médico reducionista – centrado no diagnóstico. (NEVES & LEITE, 2013)

Ao realizar ações lúdicas, como brincadeira de estátua e construção de história com fantoches, com Lucas e outras crianças que tinham o mesmo histórico, durante um período de dois meses e com sessões semanais, foi percebido que elas efetuavam as tarefas usando elementos fundamentais que envolviam a atenção voluntária. (VIGOTSKI, 1996; LURIA, 1979) (NEVES & LEITE, 2013)

Por conseguinte, em busca de compreender o funcionamento de queixas escolares produzidas a partir de diagnósticos de TDAH e a individualização do não-aprender, a pesquisa “*Atendimento psicoeducacional a crianças com problemas de escolarização e TDAH*” do projeto de extensão da UEM, realizou intervenções com alunos de escolas municipais de Maringá, na localidade da Unidade de Psicologia Aplicada (UPA). (BONADIO, et. al., 2019)

Com início em abril de 2018 e com processos de encerramento no final de 2018 e início de 2019, o projeto efetuou atividades voltadas para o desenvolvimento da escrita e da

linguagem, assim como, também trabalharam de forma lúdica conceitos lógico-matemáticos, além de processos formativos para a construção e desdobramento do projeto. (BONADIO, et. al., 2019)

O projeto obteve êxito em reconhecer as competências das crianças e desenvolver atividades que ajudassem no processo de desenvolvimento do conhecimento destas, visando não só suas potencialidades, bem como suas dificuldades. (BONADIO, et. al., 2019)

Em síntese, percebe-se que a psicologia escolar implicada com o campo científico pode gerar alternativas para lidar com o aluno diagnosticado com o TDAH. Desse modo, evidencia-se que a medicalização exacerbada dentro desse campo além de ser ineficiente, pode acarretar consequências para a aprendizagem dos alunos. Nesse sentido, projetos que trabalhem as potencialidades dos discentes com TDAH, podem os colocar como protagonistas de seu aprendizado e dissociados de estigmas que o TDAH demarca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destarte, compreende-se que TDAH é um diagnóstico pouco validado cientificamente e que é perpassado muito fortemente por uma discussão sobre sua etiologia e o contexto em que se deu sua emergência. Dessa forma, entende-se que não se pode pensar no transtorno sem levar em consideração as variáveis que o entornam, e que a supremacia psiquiátrica frente a essa realidade é um grande impasse para gerar alternativas terapêuticas. Assim, é notório que no âmbito escolar, esse discurso de medicalização ao invés de auxiliar, atrapalha muito o desempenho escolar das crianças e o aprendizado, pois estas passam a ser resumidas a um diagnóstico e objetificadas ao estigma de mau comportamento.

Entende-se que o TDAH é um transtorno que causa muitas dificuldades e se faz necessária à atenção para que os fracassos sejam minimizados, embora se saiba disso o TDAH ainda não está incluso na lei de diretrizes e bases da educação nacional, que orienta e organiza o processo escolar no Brasil, na legislação é evidenciado o direito de educação para pessoas com deficiência, e nesse sentido esses estudantes devem receber o apoio necessário. Embora o TDAH seja um transtorno e precise de atenção, às instituições não têm meios para contribuir com esses alunos que têm a necessidade de acompanhamentos interdisciplinares e metodologias de ensino que deem apoio a esses indivíduos, assim, a lei está em falta para com eles, que embora não estejam no contexto de um deficiente ainda assim, tem dificuldades no sentido da aprendizagem e exigem uma atenção especial.

Ademais, em conformidade com a prática do psicólogo escolar e tendo em vista os diagnósticos de TDAH recebidos por alunos em contexto educacional, salienta-se que mesmo com a escassez de estudos e artigos na área, práticas como as dos projetos de Bonadio e de Neves e Leite (2019) exemplificam, perfeitamente, que existem possibilidades e alternativas que podem ser realizadas para propiciar uma melhor experiência ao aluno com o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

- AZEVÊDO, Ciro Linhares de. O TDAH na escola: o cálculo de riscos, neuropsiquiatria e o biopoder. In: MEDEIROS, Almira Lins de. SILVA, José Pereira da. **Foucault e a Educação: Acerca da disciplina, governo e cuidado de si**. Paraíba: EDUEPB, 2020. p. 73 - 108.
- BONADIO, Rosana; MORI, Nerli. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: diagnóstico e prática pedagógica**. Maringá, SciELO Books, p. 1-245, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.7476/9788576286578>>. Acesso em: 04 jan. 2021.
- BONADIO, Rosana et al. **Atendimento psicoeducacional a crianças com problemas de escolarização e TDAH**. Paraná: UEM, 2019.
- CASTAÑÓN, Gustavo Arja. **Psicologia como ciência moderna: vetos históricos e status atual**. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p. 21-36, 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 jan. 2021.
- CRUZ, Murilo Galvão Amancio; OKAMOTO, Mary Yoko; FERRAZZA, Daniele de Andrade. **O caso Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e a medicalização da educação: uma análise a partir do relato de pais e professores**. *Interface (Botucatu)*, Botucatu, v. 20, n. 58, p. 703-714, set. 2016. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0575>>. Acesso em: 27 dez. 2020.
- MISSAWA, Daniela Dadalto Ambrozine; ROSSETTI, Claudia Broetto. **Psicólogos e TDAH: possíveis caminhos para diagnóstico e tratamento**. *Constr. psicopedag.*, São Paulo, v. 22, n. 23, p. 81-90, 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542014000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 dez. 2020.
- NEVES, Anderson; LEITE, Lúcia. **O desenvolvimento da atenção voluntária no TDAH: ações educativas na perspectiva histórico-cultural**. São Paulo: Rev. Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, 2013, p. 181-184.
- SILVA, Simone Patrícia da; SANTOS, Carina Pessoa; OLIVEIRA FILHO, Pedro de. **Os significados do TDAH em discursos de docentes dos anos iniciais**. *Pro-Posições*, Campinas, v. 26, n. 2, p. 205-221, ago. 2015. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/0103-7307201507708>>. Acesso em: 27 dez. 2020.



PEREIRA, Clarice de Sá Carvalho. **Conversas e Controvérsias:** uma análise da constituição do TDAH no cenário científico e educacional brasileiro. 2009. 185 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009.